

Autoconsciência desejan­te na *Fenomenologia do Espírito*: negati­vidade metafísica e liberdade

Carla Vanessa Brito de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais e Instituto Federal da Bahia

ABSTRACT: The aim of this article is to show how the concept of desire elucidates the metaphysical negativity present in Hegel's *Phenomenology of Spirit* (1807), as well as to explain the true meaning of the independence of self-consciousness from reality. The guiding line is the presentation of the experience of consciousness with a focus on the transition from dualistic metaphysics, defended by the understanding, to the metaphysics of self-consciousness. Self-consciousness seizes negativity as life that animates reality and, principally, as desire, seizes negativity as the movement of reconfiguration of the relationship between subject and object, between identity and difference. Therefore, by reading Judith Butler in *Subjects of Desire* (1987), the text aims to make explicit how the reflexivity inherent in the self-positioning of the subject as a pure self, puts the conditions of the manifestation of self-consciousness as desire.

KEYWORDS: metaphysics; experience; negativity; self-consciousness; desire.

Introdução

O princípio moderno da autonomia da razão, o qual subjaz a ideia de que conhecer é um ato de liberdade, traduz-se na filosofia hegeliana por meio da atividade do negativo. Nesse sentido, o conhecimento produzido por uma razão em liberdade não significa, em Hegel, um conhecimento normativo que define o conhecer – bem como estabelece os seus limites – antes do conhecer mesmo. Para Hegel, a autodeterminação do conhecimento só pode partir de uma experiência dialética da consciência, a qual realiza uma crítica imanente das formas disponíveis de saber.¹ Por sua vez, a experiência dialética da consciência, desenvolvida na *Fenomenologia do Espírito* (1807), corresponde a uma experiência do saber que a consciência forma de si mesma e do seu objeto – ou de si mesma e da realidade na inescapável relação entre as mesmas. No decurso dessa experiência, na medida em que a consciência atinge o saber de si mesma como sujeito, como “eu”,² afirmando a si mesma em sua independência do pensar, tende a realinhar a própria concepção da realidade, a qual se explicita não mais como uma realidade estanque, positiva, mas, como uma realidade animada pela negatividade. Ora, essa negatividade

¹ Disponíveis na temporalidade (ou na história) do pensamento.

² Ou como a autoconsciência pura.



que mobiliza a realidade faz-se ciente por meio da negatividade que é a reflexividade da própria consciência. Desse modo, dizemos que a autopoção do eu compreende a explicitação de uma negatividade metafísica, a qual caracteriza a filosofia especulativa de Hegel, especialmente em seu momento dialético ou negativo racional.

Ademais, a estrutura da experiência *dialética* da consciência é, em si mesma, negativa, a saber, opera por meio de uma inversão de si mesma marcada pela contradição que afeta a si na verdade que pretende atestar. Ao experimentar sua verdade inicial, a consciência entra em contradição consigo mesma e põe, assim, uma nova verdade, “um novo objeto”. Essa cadência negativa e autorreferente é responsável por retirar a consciência de uma atitude representacionista e explicitá-la como sujeito que determina o próprio objeto e, ao mesmo tempo, está consigo mesma na independência relativa com o objeto. Contudo, essa mesma cadência dialética desvelará a consciência como movimento de negatividade que sabe do outro também como negatividade. Trata-se da autoconsciência que, demarcará, então, a busca pela liberdade no interior de uma metafísica marcada pela negatividade.

É precisamente o desejo, como autoconsciência desejante, que colocará em cena a luta por liberdade no interior da *Fenomenologia do Espírito*. O desejo, tradicionalmente relegado à determinidade da natureza, manifesta-se na experiência fenomenológica, pois, como o movimento de independência que está na base da ideia de liberdade. Não obstante, assim o é, porque a metafísica que subjaz a própria *Fenomenologia* diz respeito ao ato de conceber a realidade animada pelo negativo e, sobretudo, a fazer da substância, sujeito e, por conseguinte, realizar o absoluto como identidade da identidade e da diferença.

Posto isso, o presente texto realiza, primeiro, uma breve consideração sobre como o desejo elucida a negatividade metafísica que compõe a própria *Fenomenologia* no interior da sistemática especulativa de Hegel. O fio condutor é a apresentação da experiência da consciência demarcando a passagem de uma concepção metafísica dualista para uma concepção metafísica que encerra a negatividade. Em seguida, o texto se detém na exposição de como a experiência do entendimento ao manifestar a autopoção do eu, encerra, por meio da reflexividade da consciência, as condições de manifestação do desejo. Atuando como fundamento de uma consciência que já não se reconhece nos limites da representação discursiva de um mundo que supõe exterior, o desejo aparece como o movimento negativo *que é a autoconsciência*. A autoconsciência desejante manifesta-se, então, como a reflexividade que falta ao entendimento e, nesse sentido, “[...] a primazia ontológica da negação é posta em ato e revelada pelo desejo, que só pode ser entendido como essencial para a experiência através da

consideração da reflexividade da autoconsciência”.³ A leitura do desejo em Hegel pela filósofa Judith Butler, em *Subjects of Desire* (1987), configura-se como aporte teórico privilegiado da presente exposição, tendo em vista que a autora, na referida obra, desenvolve a exposição de uma “ontologia do desejo”.

Por fim, tendo em vista uma realidade animada negativamente e, uma autoconsciência desejante, cujo movimento é de negação, indicaremos, à guisa de conclusão, como a independência abstrata da autoconsciência se prova, por meio da experiência do desejo, dependente da persistência da alteridade e apenas se realiza como autoconsciência livre, ao trabalhar a própria alteridade.

Metafísica e negatividade na Fenomenologia do Espírito

Na *Ciência da Lógica*, obra que é, propriamente, uma *onto-lógica*, o lugar metafísico da *Fenomenologia do Espírito* é explicitado por meio do conceito de ciência que, na condição de “saber puro”, é o começo lógico. Assim, a *Fenomenologia* é responsável por produzir o próprio conceito metafísico.⁴ Desse modo, a *Fenomenologia* tem em seu escopo o propósito metafísico de reconciliar o pensamento com a realidade, de superar “a separação entre o saber e a verdade”,⁵ de espiritualizar a substância. No saber absoluto: “o ser está absolutamente mediatizado: é conteúdo substancial que também, imediatamente, é propriedade do Eu; tem a forma do Si, ou seja, é o conceito”.⁶ E o conceito mesmo de ciência, que é o saber absoluto, está justificado pela *Fenomenologia*, pois a mesma o produz por meio da experiência do saber posta pela e na consciência.

³ “[...] the ontological primacy of negation is both enacted and revealed by desire, that the negation can only be understood as essential to experience through a consideration of reflexivity of self-consciousness” (BUTLER, J. **Subjects of desire: Hegelian reflections in twenty-century France**. Trad. livre. New York: Columbia University Press, 1999, p. 35).

⁴ “Na *Fenomenologia do Espírito* apresentei a consciência em seu movimento progressivo, desde a primeira oposição imediata dela e do objeto até o saber absoluto. Esse caminho percorre todas as formas da *relação da consciência com o objeto* e tem como seu resultado o *conceito da ciência*. Esse conceito (apesar do fato de que ele surge dentro da própria lógica) não necessita aqui, portanto, de nenhuma justificação, porque ele a adquiriu no próprio caminho; e ele não é capaz de nenhuma outra justificação senão essa produção do mesmo por meio da consciência, para a qual todas as suas figuras próprias se dissolvem nele mesmo como na verdade” (HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica 1. A doutrina do Ser**. Trad. de Christian Iber, Marloren Miranda, Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 51).

⁵ HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses – 7ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p. 47, §37.

⁶ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 47, §37.

A experiência desenvolvida na *Fenomenologia*, parte da forma mais elementar da consciência, a certeza sensível, dispensando, assim, “o entusiasmo que irrompe imediatamente com o saber absoluto – como num tiro de pistola –, e descarta os outros pontos de vista”,⁷ e construindo um caminho verdadeiramente científico que é, propriamente, o caminho de formação do conceito. Científico pois o critério de avaliação da adequação da relação entre sujeito e objeto, da verdade de um saber, é inerente ao próprio desenvolvimento desse saber, à sua experiência, não havendo, portanto, medidas externas ou *a priori*, de modo que a inadequação ou a parcialidade de um saber é explicitada pelo autodesenvolvimento do saber em questão. A experiência é definida como “movimento dialético que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, *enquanto dele surge o novo objeto verdadeiro* para a consciência”,⁸ de modo que a consciência põe, necessariamente, o saber como relação entre sujeito e objeto, de modo que falar em experiência da consciência, é falar em experiência do saber.

Inicialmente, o saber manifesta-se como oposição imediata entre sujeito e objeto, mas encontra a si mesmo, na sua identidade abstrata, na autoposição do sujeito como eu puro, no entendimento. Não obstante, o saber supera toda oposição e abstração na medida que se sabe como *saber conceituante*, ou seja, como saber absoluto, cuja realização dá-se na *Fenomenologia* enquanto identidade especulativa entre ser e pensar, ou mais propriamente, como identidade da identidade e da diferença. O especulativo, o positivo racional que define a metafísica hegeliana, “o que contém em si mesmo, como suprassumidas, aquelas oposições em que o entendimento fica [imobilizado]”,⁹ é, nesse sentido, a culminância da experiência dialética da consciência.¹⁰ O desejo, por sua vez, enquanto momento fundamentalmente negativo da experiência dialética, demarcará a derradeira passagem da saída da limitante concepção metafísica do entendimento, para a entrada em uma realidade animada pelo negativo que levará ao dia espiritual da presença.

A experiência alcança o estatuto metafísico de reconciliação entre o ser e o pensar, também por percorrer uma diversidade de figuras da consciência que traduzem concepções metafísicas parciais ou unilaterais diante da identidade especulativa do absoluto. A concepção metafísica paradigmática que circunscreve tais unilateralidades, é a concepção dualista do

⁷ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 41, §27.

⁸ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 80, §86.

⁹ HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas, vol I, Ciência da Lógica*. Trad. de Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 168, §82.

¹⁰ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 47, §37.

entendimento, a qual concebe a relação entre sujeito e objeto por meio da rígida oposição entre ambos, sustentando a epistemologia de que o sujeito meramente representa a realidade e se autopõe como identidade abstrata na medida em que nega a diferença.

As formas de saber cujo paradigma é o entendimento, são identificadas na *Fenomenologia* no interior da seção da experiência da Consciência e dividem-se em certeza sensível, percepção e entendimento. Essas formas, de modo geral, compartilham a oposição entre sujeito e objeto nos seguintes termos: o objeto é uma espécie de realidade subsistente e cabe à consciência meramente a sua representação.¹¹ A experiência dessa forma de conceber a realidade, de erigir esse saber sobre a mesma, tem precisamente no entendimento a culminância dessa forma dualista de conhecimento. Entretanto, paradoxalmente, a reflexividade que emerge do vazio do entendimento revelará que a autoconsciência – desejante – é a verdade da consciência. Ao mesmo tempo, a negatividade que estrutura a experiência da consciência explicita a inversão de uma experiência orientada exclusivamente pela representação do objeto, para uma experiência autocentrada na afirmação do eu, como movimento de independência do sujeito diante do dado, movimento que receberá sua estrutura conceitual melhor definida na dialética do senhor e do escravo, na seção da Autoconsciência.

Assim, é por meio da dinâmica negativa da experiência que o sujeito se autopõe como identidade abstrata, como $Eu = Eu$. O eu estava presente apenas de modo turvo, inconsciente, no decurso da experiência, visto que, no primeiro momento, o objetivo é a verdade do objeto. Desse modo, a autoposição do sujeito, a sua explicitação, é produto do experimento das formas de saber identificadas como consciência e, ao mesmo tempo, revelará a verdade inescapável da superação das limitações da consciência. O eu penso, devido ao seu vínculo negativo com o ser-outro, tem sua verdade na autoconsciência desejante, pois seu fundamento negativo, de negação absoluta do outro, encerra a necessidade do vínculo com o outro por meio do desejo. Essa nova configuração da experiência expõe uma negatividade metafísica, que não toma mais o mundo como algo a ser investigado nos moldes da atividade explicativa do entendimento. A autoconsciência experimenta o mundo não como algo estranho ou externo, mas, como parte de si. Por meio da sua reflexividade, a autoconsciência supera a oposição da consciência com o imediato:

A consciência tem de agora em diante, como consciência-de-si, um duplo objeto: um, o imediato, o objeto da certeza sensível e da percepção, o qual

¹¹ Importante destacar que a certeza sensível não se sustenta como forma de conhecimento.

porém é marcado *para ela com o sinal do negativo*; o segundo objeto é justamente *ela mesma*, que é a *essência* verdadeira e que de início só está presente na oposição ao primeiro objeto. A consciência-de-si se apresenta aqui como movimento no qual essa oposição é suprasumida e onde a igualdade consigo mesma vem-a-ser para ela.¹²

O então objeto para a autoconsciência, “o novo objeto que surge”, trata-se de um objeto que, para nós, é reconhecido como possuidor de negação interna. Deixa de ser um objeto imediato, dado, estanque e torna-se um objeto em vir-a-ser, em movimento, com reflexão sobre si mesmo: “o objeto veio-a-ser a *vida*” (§168). Assim: “O que a consciência-de-si diferencia de si como *essente* não tem apenas, enquanto é posto como *essente*, o modo da certeza sensível e da percepção, mas é também Ser refletido sobre si; o objeto do desejo imediato é um *ser vivo*”.¹³

O aparecimento do novo objeto, o ser vivo, revela, fundamentalmente, a parcialidade da metafísica do entendimento. A inevitabilidade do movimento desejante, como movimento que define a autoconsciência, revela que é insuficiente – ou mesmo falso, conceber a natureza exclusivamente como uma realidade passiva e passível de abstração e representação por meio de leis, como um objeto no espaço-tempo. A experiência do entendimento, ao partir da tentativa de descrever o ser da natureza, volta-se para o próprio pensamento e descobre que a negatividade lhe é constitutiva ao mesmo tempo que constitui a realidade que buscava descrever, de modo que a estrutura da subjetividade, o Si, está presente também nas coisas. Contudo, como destaca Butler, a negatividade da autoconsciência distingue-se da negatividade abstrata da vida, visto que a negatividade da autoconsciência opera como atualização da realidade.¹⁴

Hegel nos diz que a negação é especificada na autoconsciência como "negação absoluta" (178), que distingue a autoconsciência de outros fenômenos que incorporam a negação de outras maneiras. [...] Na negação absoluta, encontramos a negação operando como a essência e atualização final de uma dada realidade.¹⁵

Na *Fenomenologia*, Hegel mostra, portanto, como a experiência do saber, por meio da negatividade que lhe constitui, explicita a verdade especulativa da realidade ao expor o desenvolvimento imanente das figuras do conhecimento com as suas respectivas concepções

¹² HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 136-137, §167.

¹³ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 137, §168.

¹⁴ “Na negação absoluta encontramos a negação operando como a essência e a atualização definitiva de uma realidade dada” (BUTLER, *Subjects of desire*, p. 41).

¹⁵ “Hegel tell us that negation is specified in self-consciousness as ‘absolute negation’ (§178), which distinguishes self-consciousness from other phenomena that embody negation in other ways. [...] In absolute negation, we find negation operating as the essence and final actualization of a given reality.” (BUTLER, *Subjects of desire*, p. 41).

metafísicas. Enquanto o entendimento diz respeito a uma concepção metafísica dualista que caracteriza-se, sobretudo, pela oposição entre ser e pensar, a autoconsciência, na condição de movimento desejante, partirá para a busca da diferença real, enquanto “esforço de uma consciência incorpórea por adquirir realidade a partir de um mundo da substância”.¹⁶ O desejo é o movimento que indica, enquanto falta, a necessidade de reconciliação com o essente negado; é o movimento que comprova as limitações do subjetivismo, a necessidade de romper os limites da concepção metafísica do entendimento.

Do entendimento à autoconsciência desejante

A dialética da experiência da consciência, em sua gradual negação do objeto como uma realidade subsistente, atinge, no entendimento, a autoposição do sujeito como eu puro. Essa autorreferencialidade, a identidade consigo mesmo, revelará, devido à reflexividade que lhe é inerente – e que traduz a autofundação negativa do sujeito –, o vínculo com o ser outro cuja verdade é o desejo.

Como verdade da experiência da percepção, a qual põe em cena a atividade latente do sujeito por meio do ato percebente, a experiência do entendimento na *Fenomenologia* manifesta-se como tentativa de apreensão da essência do mundo sensível. A experiência da consciência nas formas da certeza sensível e percepção, mostrou que não é possível conhecer a realidade sensível por meio da imediatidade do particular, como se o objeto fosse um dado positivo e imediato. Nesse sentido, a consciência chamará de força a essência do interior das coisas, a qual, por meio do seu desdobramento, entretanto, será responsável por configurar uma apreensão não substancialista do objeto, passo decisivo para a compreensão do objeto como idealidade. A força, que inicialmente parece se manifestar como uma entidade física, se desdobrará como um movimento conceitual da consciência:

A verdade da força permanece, pois, só como *pensamento* da mesma, e os momentos dessa efetividade, suas substâncias e seu movimento desmoronam sem parar numa unidade indiferenciada – que não é a força recalcada sobre si (pois ela mesma é só um momento desses), senão que essa unidade é seu *conceito, como conceito*.¹⁷

¹⁶ “effort of a disembodied consciousness to acquire reality from an ostensibly disparate world of substance” (BUTLER, *Subjects of desire*, p. 42).

¹⁷ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 115, §141.

Butler destaca a força, assim, como um momento crucial do pensar:

A Força é essencial para a transição da consciência à autoconsciência, porque postula que a exterioridade do mundo sensível e da realidade perceptível está essencialmente relacionada com a consciência mesma; com efeito, a Força postula que a exteriorização é um momento necessário do pensamento.¹⁸

A força primeiramente se apresenta como movimento de exteriorização que, “se manifesta e põe, fora de si, aquilo que ela tem dentro de si”,¹⁹ objetivando resolver a incessante passagem entre o singular e o universal que define o universal incondicionado resultante da experiência anterior da percepção (§136): “[...] de fato, a força é o Universal incondicionado, que igualmente é para si mesmo o que é *para um Outro*; ou que tem nele a diferença, pois essa não é outra coisa que o *ser-para-um-Outro*”.²⁰ Contudo, a relação inicial da força como movimento da interioridade para a exterioridade, enquanto dois polos independentes entendidos como “força recalcada” e “força solicitante”, suprassume a si mesma em seu movimento:

(...) sua essência consiste pura e simplesmente em ser cada um através do outro, e em deixar de ser imediatamente o que é através do outro, quando o outro é. As forças não têm, pois, nenhuma substância própria que as sustenha e conserve.²¹

O movimento de exteriorização é um puro desvanecer, no qual os polos não subsistem em si mesmos como extremos opostos, mas se constituem reciprocamente, ou seja, “seu ser é antes um puro *Ser-posto mediante um outro*”.²²

O movimento da força inverte, assim, a intenção inicial posta pelo entendimento: não se trata de exteriorizar uma essência que subjaz causalmente a coisa, mas, que o ser da essência consiste em um constante tornar-se outro, em um movimento de desaparecer. Ao revelar-se dessa forma, o entendimento chamará a essência de fenômeno, um evanescente, “pois aparência

¹⁸ “Force is essential to the transition from consciousness to self-consciousness because it posits the externality of the world of sensuous and perceptual reality as one that is essentially related to consciousness itself; in effect, Force posits externalization as necessary moment of thought” (BUTLER, **Subjects of desire**, p. 26. Tradução livre.).

¹⁹ HYPOLITE, J. **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel**. Tradução de A. J. Vaczi, D. S. Cordeiro e G. Tedéaetalli. São Paulo: Discurso Editorial, 2003, p. 135.

²⁰ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 111, §136.

²¹ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 114, §141.

²² HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 114, §141.

é o nome dado ao *ser* que imediatamente é em si mesmo um *não ser*".²³ O aparecer do fenômeno é o seu desaparecer.

Neste momento, se desenha na experiência do entendimento a negatividade do objeto: "o ser da percepção e o Sensível objetivo têm, em geral, somente uma significação negativa".²⁴ Ou seja, o objeto que a consciência toma como um dado positivo, é afetado por uma negação interna, de modo que "assim, a consciência a partir dele se reflete em si como no verdadeiro".²⁵ No entanto, o entendimento é limitado para compreender essa nova significação: "torna a fazer do verdadeiro um Interior objetivo: distingue, de sua reflexão sobre si mesma, a reflexão das coisas".²⁶ O entendimento ainda não reconhece o objeto como parte da sua reflexão, persiste em sustentar o objeto simplesmente como objetividade que lhe é oposta: "esse movimento negativo ainda é o fenômeno *objetivo* evanescente – não ainda seu *próprio* ser-para-si".²⁷ No entanto, a força como movimento de exteriorização possui no fenômeno a sua verdade, a qual revela a negatividade da essência por meio do seu vazio e, assim:

Para pensar o objeto da experiência que o mundo sensível e perceptível oferecem à consciência, devemos renunciar a fé no tipo de pensamentos que toma os objetos unicamente como seres determinados; o pensamento conceitual deve substituir o lugar do entendimento, porque só o primeiro pode pensar o movimento entre opostos.²⁸

Porém, apegada à sua forma de entendimento, a consciência faz do fenômeno a nova maneira de sustentar um "interior objetivo", na medida em que lança mão de um mundo suprassensível, um mundo verdadeiro que, diante do mundo evanescente do fenômeno, é um "além permanente". Contudo, o interior é um "puro além", apenas porque a consciência não se encontra a si mesma nesse interior: "é vazio, por ser apenas o nada do fenômeno, e positivamente [ser] o Universal simples. Essa maneira de ser do interior está imediatamente em consonância com [a opinião de] alguns, de que o interior é incognoscível".²⁹ O interior é incognoscível não por uma deficiência da razão, mas devido ao modo como ele é concebido,

²³ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 116, §143.

²⁴ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 116, §143.

²⁵ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 116, §143.

²⁶ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 116, §143.

²⁷ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 116, §143.

²⁸ "In order to think the object of experience that the sensuous and perceptual world offers up to consciousness, we must relinquish faith in the kind of thinking that can take only determinate beings as its objects; conceptual think must replace Understanding, for only the former can think the movement between opposites" (BUTLER, **Subjects of desire**, p. 27).

²⁹ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 117, §146.

ou por sua natureza mesma, a saber, que do vazio, nada se conhece, o que significa estar além da consciência – tal como a coisa-em-si. Entretanto, para o pensamento especulativo, o em-si é sim cognoscível, contudo, a consciência como entendimento ainda não o reconhece. Eis um resumo:

O “jogo de forças”, no condicionamento recíproco de suas exteriorizações, determina o fenômeno, forma sobre a qual se apresenta o objeto observado; inversamente, como a essência que está a base do fenômeno, não é, imediatamente, objeto da experiência (no sentido da certeza sensível ou da percepção) mas apenas deduzida; por conseguinte, ela é conhecida apenas mediatamente e é, por fim, objeto do entendimento. Hegel atribui, claramente, ao entendimento, a função de explicar os fatos da observação por recurso à pressuposição de forças já não observáveis enquanto “essências” dos fenômenos. O entendimento pensa, pois, algo “supra-sensível”, ou seja, não diretamente observável, como “mundo verdadeiro” por detrás dos fenômenos ou como permanente “mais além”, por cima do mundo mutável dos fenômenos.³⁰

Logo, a verdade é que a essência trata-se agora de um interior abstrato e conceitual cujo acesso é mediado pelo fenômeno. Assim, como coloca Hegel, a verdade é que o suprassensível é fenômeno como fenômeno, “*provém* do fenômeno, e esse é sua mediação”.³¹ Assim, “o fenômeno é sua essência”, de modo que o suprassensível é o sensível e o percebido em sua verdade: o fenômeno como mundo “*suprassumido* ou posto em verdade como interior”.³² Paradoxalmente, só reafirma a negatividade presente no objeto, na medida que a mesma já opera no fenômeno.

Contudo, a consciência persistirá na dualidade metafísica típica do entendimento ao procurar estabelecer a diferença entre os dois mundos. O entendimento, assim, estabelecerá a diferença entre o mundo dos fenômenos e o mundo suprassensível por meio da *lei* e, assim, manifestará a atividade que lhe é característica, o explicar. Mas, sendo a atividade que melhor traduz o tipo de consciência que é o entendimento, é também, e justamente por isso, a atividade que inverte o sentido mesmo do entendimento, minando a separação entre sujeito e objeto. Conforme Butler:

E, no entanto, essa explicação fracassada revela uma pista inesperada para a formulação apropriada do fenômeno. Enquanto explicação, o entendimento

³⁰ RÖD, W. **Filosofia dialética moderna**. Trad. De Maria Cecília Maringoni de Carvalho e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984, p. 158.

³¹ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 118, §147.

³² HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 118, §147.

passa a se manifestar de forma determinante na forma material; aqui está a consciência mesma na página, formada em letras e palavras, existindo, materialmente, fora de si mesma. Ao reconhecer a autoria dessa explicação, a consciência torna-se consciente de si pela primeira vez. [...] a consciência descobre sua própria reflexividade; torna-se outra para si mesma e se conhece como tal [...].³³

A atividade do explicar se constitui como apreensão do fenômeno por meio da lei, a qual “é a unidade do mundo sensível, mas uma unidade que tem em si a diferença e que, por meio dessa diferença constante, traduz o mundo fenomênico”.³⁴ O que existe, então, “é a diferença como universal”, ou seja, “uma diferença tal que as múltiplas oposições ficaram a ela reduzidas”.³⁵ A mudança do fenômeno, quando posta no interior do pensar do entendimento, é tranquilizada, logo: “o mundo *suprassensível* é, portanto, um *tranquilo reino das leis*; certamente, além do mundo percebido, pois esse só apresenta a lei através da mudança constante; mas as leis estão também *presentes* no mundo percebido, e são sua cópia imediata e tranquila”.³⁶ Assim, o explicar faz da mudança uma diferença universal, destituída de singularidade, uma diferença que não está na Coisa mesma (§154), mas, só recai no entendimento como uma universalidade abstrata. Temos, então, que a atividade do explicar volta-se unicamente para si mesma – a diferença da coisa é meramente uma diferença do entendimento:

Nesse movimento tautológico, o entendimento, como resulta, persiste na unidade tranquila de seu objeto, e o movimento só recai no entendimento, não no objeto: é um explicar que não somente nada explica, como também é tão claro que ao fazer tenção de dizer algo diferente do que já foi dito, antes nada diz, mas apenas repete o mesmo.³⁷

Hegel observa, não obstante, que a mudança penetra o próprio suprassensível: “[...] nossa consciência, porém, se transferiu como objeto para o outro lado – para o entendimento – e nele experimenta a mudança”.³⁸ A mudança torna-se mudança pura, de modo que, ao experimentar a mudança, o entendimento experimenta a si mesmo: a consciência faz de si

³³ “And yet this failed explanation reveals an unexpected clue to the proper formulation of the phenomenon. As an “Explanation”, the Understanding comes to be determinately manifest in material form; there is consciousness itself sprawled on the page, formed in letters and word, existing, materially, outside itself. In recognizing the authorship of that explanation, consciousness becomes aware of itself for the first time. [...] consciousness discovers its own reflexivity; it has become other to itself, and knows itself as such [...]” (BUTLER, **Subjects of desire**, p. 28-29).

³⁴ HYPOLITE, J. *Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel*, p. 141-142.

³⁵ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 119, §148.

³⁶ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 119, §149.

³⁷ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 124, §155.

³⁸ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 124, §155.

mesma seu objeto, é reflexão em si mesma. Como coloca Hegel, a consciência está “em imediato colóquio consigo mesma”.³⁹ O entendimento experimenta a si mesmo. O resultado da experiência do explicar é a modificação da concepção de sujeito e objeto sustentada no entendimento:

A explicação deixa de ser uma ferramenta nas mãos de uma consciência intacta, a explicação torna-se um tipo curioso de agente que se volta contra seu usuário e abala sua identidade. O objeto da explicação torna-se curiosamente ambíguo também; ao ser explicado, o objeto é revelado como tendo certas propriedades que a própria consciência pode elucidar.⁴⁰

A experiência do explicar, cuja intenção era explicar o objeto externo, faz com que a consciência apreenda a si mesma como reflexiva e compreenda que essa reflexividade é parte constitutiva do objeto explicado. Logo, no entendimento, o “eu” encontra a si mesmo na medida que descobre que o objeto explicado é produto da sua própria explicação. A consciência tem em si mesma a alteridade e, desse modo, a consciência alcança a infinitude, “a inquietação absoluta do puro mover-se-a-si-mesmo”:⁴¹ a relação consigo mesma que não é limitada por um objeto externo. Na medida que a infinitude é objeto da consciência, a consciência é autoconsciência.⁴²

Desse modo, no entendimento, ao tentar apreender o objeto por meio da explicação, a consciência encontra a si mesma ao suprassumir a diferença em seu interior. A reflexividade da consciência faz com que ela mesma distinga “algo tal que para ela é ao mesmo tempo um não diferente”⁴³ e a realiza como infinitude. Neste momento, a oposição entre sujeito e objeto é posta como idealmente superada e marca, assim, a entrada no domínio metafísico da autoconsciência:

Com efeito, o *Em-si* é a consciência, mas ela é igualmente aquilo *para o qual* é um Outro (o *Em-si*): é para a consciência que o *Em-si* do objeto e seu ser-

³⁹ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 131, §163.

⁴⁰ “No longer a tool in the hands of a consciousness intact, Explanation becomes a curious kind of agent that turns on its user and shakes his identity. The object of Explanation becomes curiously ambiguous as well; in being explained, the object is revealed as having certain properties that consciousness itself can elucidate” (BUTLER, **Subjects of desire**, p. 29).

⁴¹ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 130, §163.

⁴² “Enquanto esse conceito de infinitude é seu objeto, ela é, pois, consciência da diferença como de algo também imediatamente suprassumido: a consciência é, *para-si-mesma*, o *diferenciar do não diferenciado* ou *consciência-de-si*. Eu me distingo de mim mesmo, e nisso é imediatamente para mim que este diferente não é diferente. Eu, o homônimo, me expulso de mim mesmo; mas este diferente, este posto-como-desigual, é imediatamente, enquanto diferente, nenhuma diferença para mim” (HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 131, §164).

⁴³ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 135, §166.

para-um-Outro são o mesmo. O Eu é o conteúdo da relação e a relação mesma; defronta um Outro e ao mesmo tempo o ultrapassa; e este Outro, para ele, é apenas ele próprio.⁴⁴

A autoconsciência, assim, ao manifestar-se, conserva os objetos das figuras da consciência como momentos seus: “como abstrações ou diferenças que ao mesmo tempo *para* a consciência são nulas ou não são diferenças nenhuma, mas essências puramente evanescentes”.⁴⁵ No entanto, a autoconsciência só faz do objeto uma diferença interna, na medida em que é reflexão desse ser-outro. O resultado desse movimento é que, para a autoconsciência:

[...] o ser-Outro é *como um ser*, ou como *momento diferente*; mas para ela é também a unidade de si mesma com essa diferença, como *segundo momento diferente*. Com aquele primeiro momento, a consciência-de-si é como *consciência* e para ela é mantida toda a extensão do mundo sensível; mas ao mesmo tempo, só como referida ao segundo momento, a unidade da consciência-de-si consigo mesma.⁴⁶

Depreende-se que, a autoconsciência ao manifestar-se, precisa atuar como um movimento que suprassuma a duplicidade do objeto: ora o objeto é o dado externo, marcado, contudo, pela negação da própria consciência; ora o objeto é a consciência mesma. O movimento que busca essa unidade é precisamente o movimento negativo do desejo. Hegel, então, define a autoconsciência como autoconsciência desejante: “a consciência-de-si é desejo, em geral”.⁴⁷ Dessa forma, o compromisso metafísico da autoconsciência é, superada a oposição entre sujeito e objeto na autoposição abstrata do pensar, superar a própria concepção de que o objeto é uma realidade inanimada que, mesmo não sendo subsistente, só pode existir na passividade de um ser representado. Explicita-se, portanto, os efeitos da reflexividade da autoconsciência, que se põe como tal na medida que marca o objeto como o negativo: “[m]ediante essa reflexão-sobre-si, o objeto veio-a-ser *vida*”.⁴⁸

A experiência da autoconsciência desejante desenvolve-se, por conseguinte, pela posição intencional do eu que precisa anular o objeto vivo para afirmar a sua própria independência, pois assim, “certa da nulidade desse Outro, põe *para si* tal nulidade como sua verdade; aniquila o objeto independente, e se outorga, com isso, a certeza de si mesma como

⁴⁴ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 135, §166.

⁴⁵ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 136, §167.

⁴⁶ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 136, §167.

⁴⁷ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 136, §167.

⁴⁸ HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, p. 137, §168.

verdadeira certeza, como uma certeza que lhe veio-a-ser de *maneira objetiva*".⁴⁹ A certeza de si da autoconsciência, seu *para si*, funda-se na negação do seu ser-outro, de modo que o desejo é o movimento de negação da alteridade, mas, paradoxalmente, é também um desejo pelo outro que põe a autoconsciência em uma necessária relação com a alteridade. A identidade da autoconsciência só pode ser atingida por meio da diferença, pois a satisfação do desejo e a certeza de si mesma "são condicionados pelo objeto, pois a satisfação ocorre através do suprassumir desse Outro; para que haja suprassumir, esse Outro deve ser".⁵⁰ Como coloca Butler, o desejo, contraditório, enfrenta a si mesmo e encena o drama de, "ao desejar algo, nos perdemos; ao desejar nosso eu, perdemos o mundo".⁵¹

Ao experimentar sua independência pela negação do objeto vivo, a autoconsciência torna-se desejo consumidor na busca de preenchimento do vazio da sua identidade. Essa relação de consumo com o seu ser-outro, revela que a autoconsciência como "agente da destruição" precisa de um mundo para ser destruído.⁵² Isso significa que a realidade não pode ser anulada completamente para o pensamento, mas como objeto vivo, impõe sua necessária existência como diferença real.

Ademais, "a consciência-de-si não pode assim suprassumir o objeto através de sua relação negativa para com ele; pois essa relação antes reproduz o objeto, assim como o desejo".⁵³ Como movimento fundamentalmente negativo, o desejo opera uma outra inversão: ao agir como desejo consumidor, contraditoriamente, reproduz infinitamente o objeto que procura consumir. Mas, precisamente, por ter sua negação como fundamento da identidade abstrata da autoconsciência. Como manifestação da falta da autoconsciência que se quer independente, o desejo revela a inevitável dependência da autoconsciência com a realidade a fim de adquirir realidade determinada. Há, portanto, a persistência da alteridade para a autoconsciência. De acordo com Butler:

[...] o desejo requer essa interminável proliferação da alteridade para permanecer vivo como desejo, como um desejo que não só quer vida, mas *estar vivo*. Se o domínio das coisas vivas pudesse ser consumido, o desejo, paradoxalmente, perderia sua vida; seria uma saciedade quiescente, o fim do princípio gerador negativo que é a autoconsciência.⁵⁴

⁴⁹ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 140, §174.

⁵⁰ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 140, §175.

⁵¹ Cf. BUTLER, **Subjects of desire**, p. 28.

⁵² Cf. BUTLER, **Subjects of desire**, p. 37-38.

⁵³ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 140-141, §175.

⁵⁴ "[...] desire requires this endless proliferation of alterity in order to stay alive as desire, as a desire that not only wants life, but *is living*. If the domain of living things could be consumed, desire would, paradoxically, *lose* its life;

O desejo em seu movimento de negação consumidora, que está na base da afirmação da identidade da autoconsciência como independente da alteridade, acaba por revelar, definitivamente, as limitações da suposição metafísica que concebe a autoconsciência como um eu puro não relacionado com a realidade substantiva. Como atividade negadora, o desejo explicita que a independência fundada na negatividade está inescapavelmente implicada em uma dialética com a diferença: “E na medida em que o desejo é, neste sentido geral, autoconsciência, descobrimos, em um novo nível da experiência, a reflexividade da autoconsciência como aquilo que se põe em cena a si mesma, e a intencionalidade da autoconsciência como a insuperabilidade da alteridade”.⁵⁵

À guisa de conclusão

O desejo demarca a negatividade metafísica da *Fenomenologia do Espírito*, na medida em que, pelo seu vínculo com a alteridade, reformula “a diferença em uma unidade da experiência na qual a negação se revela como uma relação que media”.⁵⁶ O desejo em sua verdade, ademais, manifesta-se como esforço de superação da dualidade metafísica entre sujeito e objeto sustentada pelo entendimento, o qual, por sua vez, põe a identidade abstrata que se funda na negatividade do próprio desejo. Assim, podemos afirmar que o desejo descentra o sujeito do entendimento ao explicitar a verdade da autofundação negativa do eu penso, ao explicitar a autoconsciência desejante como a verdade da consciência.

Desse modo, a autoconsciência desempenha um papel metafísico fundamental: o saber não atesta a realidade subsistente do mundo natural; o saber é, fundamentalmente, enquanto saber reflexivo, um saber do mundo que é, ao mesmo tempo, atividade de um sujeito que se autodetermina pela negatividade. É precisamente a autoconsciência como desejo que realiza, no interior da experiência fenomenológica, essa inversão metafísica.

Hegel caracteriza aqui a negatividade do desejo como a forma final, totalmente realizada da autoconsciência. Para entender isso corretamente, não devemos assumir que a negação é nada; pelo contrário, enquanto relação

it would be a quiescent satiety, an end to the negative generativity that is self-consciousness” (BUTLER, *Subjects of desire*, p. 39).

⁵⁵ “And insofar as desire in this general sense is self-consciousness, we discover at yet another level of experience the *reflexivity* of self-consciousness as that which dramatizes itself, and the *intentionality* of self-consciousness – the insurpassability of otherness” (BUTLER, *Subjects of desire*, p. 38-39).

⁵⁶ Cf. BUTLER, *Subjects of desire*, p. 34.

diferenciadora que media os termos que inicialmente se opõem entre si, a negação, entendida no sentido de *Aufhebung*, cancela, preserva e transcende as diferenças aparentes que interrelaciona. Como realização final da autoconsciência, a negação é um princípio de mediação absoluta, um sujeito de capacidade infinita que é suas interrelações com todos os fenômenos aparentemente diferentes.⁵⁷

A liberdade do sujeito, portanto, não se realiza como independência negativa (no sentido abstrato) da alteridade. Mas por meio de uma negatividade absoluta que é mediação entre identidade e diferença. Nesse sentido, esclarece-se que, a autoconsciência desejante só encontra satisfação em outra autoconsciência – também desejante.⁵⁸ Essa busca, após uma luta de vida ou morte pela independência, culminará na figura da dialética do senhor e do escravo, na qual o senhor assume o momento do desejo consumidor e o escravo, por sua vez, estabelecerá a mediação com a realidade por meio do trabalho, constituindo o momento do desejo refreado. A realidade que inicialmente a consciência pretendia enunciar em sua positividade, se apresentará, pela atuação do desejo, como mundo do sujeito. Logo, a função negativa do desejo deve ser denominada como

[...] a recriação de objetos naturais em reflexos de seu criador. Desejo é encontrar sua satisfação, o reflexo de si mesmo como existência autodeterminada e determinada, por meio da efetivação de uma gênese humana do mundo externo. A exterioridade do mundo é negada ao se transformar em uma criação da vontade humana.⁵⁹

Hegel afirma que o trabalho possui o significado negativo de fazer com que a consciência reencontre a si mesma e se reconheça como livre. A mediação do trabalho como agir formativo, explícita no objeto trabalhado – que se universaliza enquanto permanência - a singularidade da autoconsciência, a qual chega à intuição do ser independente como intuição de si mesma.⁶⁰ A autoconsciência, portanto, sabe de si como livre, na medida em que reconhece

⁵⁷ “Hegel here characterizes the negativity of desire as the final, fully realized form of self-consciousness. To understand this correctly, we must not assume that negation is nothingness; on the contrary, as a differentiating relation that mediates the terms that initially counter each other, negation, understood in the sense of *Aufhebung*, cancels, preserves, and transcends the apparent differences it interrelates. As the final realization of self-consciousness, negation is a principle of absolute mediation, an infinitely capable subject that is its interrelations with all apparently different phenomena.” (BUTLER, **Subjects of desire**, p. 41).

⁵⁸ HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 141, §175.

⁵⁹ “[...] as the re-creation of natural objects into reflections of their maker. Desire is to find its satisfaction, the reflection of itself as a self-determining and determinate existence, through effecting a human genesis of the external world. The externality of the world is negated through becoming transformed into a creation of human will” (BUTLER, **Subjects of desire**, p. 57).

⁶⁰ Cf. HEGEL, **Fenomenologia do Espírito**, p. 150, §195.

o mundo como produto do seu trabalho, na medida em que o mundo deixa de ser uma realidade externa e torna-se espírito.

*Doutoranda em Filosofia na UFMG⁶¹
Professora de Filosofia do IFBA
carlaoliveira@ifba.edu.br*

BIBLIOGRAFIA

- BUTLER, Judith. **Subjects of desire: Hegelian reflections in twenty-century France**. New York: Columbia University Press, 1999.
- HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica 1. A doutrina do Ser**. Tradução de Christian Iber, Marloren Miranda, Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016.
- _____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas, vol I, Ciência da Lógica**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- _____. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses – 7ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HYPOLITE, Jean. **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel**. Tradução de A. J. Vaczi, D. S. Cordeiro e G. Tedéaetalli. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- RÖD, Wolfgang. **Filosofia dialética moderna**. Tradução De Maria Cecília Maringoni de Carvalho e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

⁶¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES).